

DOI: 10.21204/

DISPOSITIVOS MÓVEIS NO TELEJORNALISMO: as mudanças no papel do repórter no Bom Dia Paraíba

MOBILE DEVICES IN TV NEWS: the changes in the reporter's role in Bom Dia Paraíba

Fabiana Cardoso de SIQUEIRA¹

Wanderson Rosendo da SILVA²

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Resumo

Neste estudo, nosso objetivo foi analisar as mudanças propiciadas pela tecnologia móvel (uso de dispositivos móveis e redes de internet sem fio) no telejornalismo. Procuramos compreender também de que forma isso vem reconfigurando o papel do repórter dentro do telejornal, atuando muitas vezes sozinho, sem cinegrafista. O estudo foi feito a partir da análise de conteúdo de três formatos da notícia (*stand up*, entrada ao vivo e reportagem) exibidos dentro do Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, Paraíba, entre os dias primeiro de junho de 2016 a 31 de março de 2017. Também foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com os editores e repórteres que participaram da execução dos três formatos analisados. Chegamos ao entendimento que o jornalismo móvel ocupa uma lacuna deixada pelas rotinas tradicionais dentro das redações dos telejornais, trabalhando características como instantaneidade, mobilidade e versatilidade e exige novos conhecimentos, específicos, por parte dos repórteres.

Palavras-chave

Telejornalismo; Jornalismo Móvel; Bom Dia Paraíba; TV Cabo Branco.

Abstract

In this study, our objective was to analyze the changes brought about by mobile technology (use of mobile devices and wireless internet networks) in telejournalism. We also try to understand how this has been reconfiguring the role of the reporter within the newscast, often acting alone, without a cameraman. The study was based on the content analysis of three news formats (*stand up*, live entry and reporting) exhibited in Bom Dia Paraíba, of TV Cabo Branco, an affiliate of Rede Globo, in João Pessoa, Paraíba, among June 01, 2016 to March 31, 2017. Semi-structured interviews were also applied with the editors and reporters who participated in the execution of the three formats analyzed. We come to the understanding that mobile journalism occupies a gap left by traditional routines, working on features such as instantaneity, mobility and versatility, and a require new specific knowledge from reporters.

Keywords

TV News; Mobile Journalism; Bom Dia Paraíba; TV Cabo Branco.

RECEBIDO EM 11 DE FEVEREIRO DE 2018
ACEITO EM 23 DE MARÇO DE 2018

¹Jornalista. Doutora de Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco/Universidade Complutense de Madri. Mestre em Engenharia de Produção/Qualidade e Produtividade pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Contato: Fabiana_s@yahoo.com.

²Jornalista. Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. Membro voluntário do Grupo de Pesquisa Telejornalismo Regional, ligado à Universidade Federal da Paraíba. Contato: wanderson82fernandes@gmail.com.

Introdução

A evolução dos dispositivos móveis, como celulares e *smartphones*, compostos por câmeras portáteis, gravadores de áudio e acesso a redes sem fio, trouxe facilidades à sociedade atual. Hoje, vivemos totalmente interligados por redes invisíveis como as conhecidas 3G, 4G ou *Wi-fi*, contrapondo o acesso e compartilhamento de conteúdos antes feito por redes fixas, como internet cabo e computadores de mesa.

Neste estudo, o nosso objetivo foi investigar como a relação desse tipo de tecnologia, que caracteriza o jornalismo móvel, está reconfigurando o modo de se fazer notícias nos telejornais, através da análise de matérias produzidas a partir do seu uso e veiculadas no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, na capital paraibana.

O intuito foi analisar as possibilidades que o jornalismo móvel, caracterizado pela utilização dos dispositivos móveis e das redes sem fio, tem oferecido às produções jornalísticas televisivas. Procuramos investigar ainda os impactos que essa nova reconfiguração tem provocado na atuação do repórter dentro do telejornal.

A escolha do Bom Dia Paraíba se deu por ser um telejornal que apresenta, com frequência, matérias realizadas por meio de dispositivos portáteis e redes móveis em suas produções.

O crescimento dos dispositivos móveis e o impacto no jornalismo

Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (2017), o Brasil possui cerca de 208 milhões de *smartphones*, o que nos leva a uma média de um dispositivo por habitante. A mesma pesquisa aponta que os números de dispositivos móveis (celulares, *tablets* e *notebooks*) conectados a internet são de 280 milhões. Os dados são referentes ao ano de 2017.

No caso dos celulares, hoje, eles podem ser comparados a computadores portáteis. De acordo com Lemos (2005, p. 6), "o celular expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se em um

‘teletudo’ para a gestão móvel e informacional do cotidiano. De meio de contato inter-pessoal, o celular está se transformando em um media massivo”.

Aliado a isso, as redes móveis como os serviços de tecnologia sem fio (*3G*, *4G* e *Wi-Fi*) estão ganhando cada vez mais espaço como meios de propagação do sinal de internet via *smartphone*, sem a necessidade de cabos. Conforme Santaella (2013, p. 16), “essa tecnologia ‘proporciona maior ubiquidade’[...], especialmente quando se dá em movimento. Além do mais, muitos servidores sem fio espalhados pelo ambiente permitem que o usuário se mova livremente pelo espaço físico sempre conectado”.

Dessa forma, as pessoas conseguem se comunicar de maneira eletrônica, seja por voz ou texto através de mensageiros instantâneos, fazem registros de imagens através das câmeras acopladas nos aparelhos e as enviam instantaneamente.

Isso abriu também novas perspectivas de utilização no campo profissional, inclusive, no jornalismo, que aumentou assim a velocidade para apuração, registro e veiculação das notícias, interferindo não só na prática jornalística como também no acesso do público ao produto.

Capazes de produzir e transmitir textos, áudios, fotos e vídeos com qualidade técnica aceitável, os smartphones e tablets estão criando um novo repórter, o denominado *mobile journalist*, e cidadãos cada vez mais interessados em participar das notícias ou mesmo criar caminhos alternativos à imprensa tradicional (CANAVILHAS; SANTANA, 2011, p. 54).

O jornalismo passa a utilizar o ciberespaço para práticas específicas de produção de conteúdo, ao se apossar desse novo aparato tecnológico na busca em satisfazer uma sociedade-consumo de informação mais exigente e que cresce de forma exponencial. Utiliza, para isso, os dispositivos móveis e as redes sem fio como instrumentos para dar surgimento ao jornalismo móvel.

O jornalismo móvel

A nomenclatura jornalismo móvel deriva do termo repórter *MoJo* (*mobile journalist*). Foi empregada pela primeira vez no ano de 2005, nos Estados Unidos, sendo associada a um projeto da companhia *Gannett*, situada na Flórida. Os repórteres utilizavam *notebooks*, câmeras e gravadores digitais e conexões de banda larga para produzir e publicar suas matérias de comunidade, de forma descentralizada (BARBOSA; SEIXAS, 2013).

Podemos então afirmar que este modelo jornalístico se configura pelo processo de produção, incorporando as características dos modelos jornalísticos convencionais (texto, som e imagem) por via do uso dos dispositivos portáteis, e de veiculação, muitas vezes imediatista, por meio da internet, através das redes móveis.

O jornalismo móvel não é característica própria dos tempos contemporâneos porque a relação jornalismo e mobilidade ocorre desde a própria existência do jornalismo como prática de coleta e transmissão de informação. Entretanto, a configuração atual, movida pela estrutura móvel de comunicação, torna-o distinto, rompe com uma estrutura tradicional porque pela primeira vez permite a emissão de conteúdo em mobilidade, a partir de um dispositivo móvel, portátil e com conexão online (SILVA 2009, p.3).

Silva (2009) defende que esse jornalista deve estar em campo produzindo o conteúdo (seja áudio, vídeo, fotos ou textos) diretamente dos locais dos eventos, sem barreiras físicas, com a utilização das tecnologias móveis digitais, dando sentido ao que ele chama de repórter móvel.

Ao pesquisar sobre essas novas perspectivas abertas que o jornalismo móvel oferece ao campo profissional jornalístico, Silva (2013) associou novas terminologias a cada tipo de prática, como pode ser observado abaixo:

- a) Jornalismo de Mochila: Tida como a prática móvel mais antiga que se tem datada. Segundo Deuze, apud Silva (2013), é uma prática das décadas de 1960 e 1970. Os

Fabiana Cardoso de **SIQUEIRA** • Wanderson Rosendo da **SILVA**

repórteres fotográficos utilizavam mochilas para transporte dos equipamentos como *notebooks*, câmeras, gravadores e microfones para aumentar a possibilidade de captação, edição e envio do material de campo.

- b) **Jornalismo Multimídia:** Termo já utilizado na década de 1990 conceituando dois aspectos: nomeando jornalista que atua em um ou mais veículos de comunicação no sentido de multiplataforma e profissional multitarefa com conhecimentos em vários dispositivos móveis e suas aplicações para gerar conteúdos multimídias (texto, imagem, áudio e vídeo) sem contar, necessariamente, com o aspecto da mobilidade.
- c) **Jornalismo 3G:** Especifica o uso dessa tecnologia da terceira geração de acesso a internet para geração de conteúdos através de *notebooks*, celulares e *smartphones*.
- d) **Jornalismo de Bolso:** Fazendo uma interface com as tecnologias 3G e 4G, se caracteriza pela portabilidade dos dispositivos móveis que cabem na palma da mão para a produção de conteúdo.
- e) **Jornalismo Locativo ou Hiperlocal:** Através da combinação das tecnologias móveis e o uso do GPS (é um sistema de posicionamento que permite uma localização via satélite), evidenciando o local da produção de conteúdo como valor de noticiabilidade.
- f) **Jornalismo Drone:** Baseado pela utilização de tecnologias de localização e câmeras digitais acopladas em aeronaves não tripuladas e controladas remotamente para a captação de imagens aéreas. É uma modalidade relativamente nova e usada geralmente em coberturas de manifestações, áreas de difícil acesso ou matérias especiais.
- g) **Jornalismo Móvel:** Caracteriza-se por confluir todas as modalidades acima, de modo a favorecer, através do uso dos dispositivos móveis e redes sem fio, a apuração, edição e envio do material diretamente do local do acontecimento.

Toda essa ubiquidade oferecida pelas tecnologias móveis vem influenciando o modo de fazer telejornalismo. Isso ocorre pois abre ainda mais a possibilidade de alcance da notícia, seja ela produzida ou em tempo real. Por meio dela é possível, por exemplo, substituir os métodos tradicionais de execução de reportagens, realizar entradas ao vivo e enviar participações pré-gravadas com rapidez e mobilidade.

O modelo de emissão de conteúdos do campo baseado no celular instaura narrativas diferenciadas, principalmente para televisão [...]. Indica novos elementos como a contextualização do lugar, a mobilidade expandida no processo e o sentido de presença “viva” direto da cena representada pela participação ativa do repórter como uma espécie de etnógrafo em tempo real (SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 40)

Além do imediatismo e da instantaneidade, a *relevância do lugar na comunicação* aparece como mais um diferencial nesse tipo de notícia. Essa característica está diretamente relacionada com a questão da mobilidade que o jornalismo móvel possibilita quando altera “o *modus operandi*” dos repórteres, instaurando novos modos “de ver” os eventos ou novos modos “de construção” da notícia (SILVA, 2013).

Assim, o telespectador consegue ter a mesma visão do fato que a do repórter, que está noticiando com uma narrativa *in loco*, passando todas as percepções possíveis sobre o acontecimento, seja de forma ao vivo ou mesmo gravada.

A análise do Bom Dia Paraíba

Este trabalho foi feito a partir de uma pesquisa exploratória e de caráter qualitativo. Após essa primeira etapa, relatada anteriormente, de revisão bibliográfica sobre o contexto histórico e funcional do surgimento e expansão das tecnologias móveis e redes sem fio nas notícias e a relação com o telejornalismo, passamos para a segunda fase desse estudo.

Essa segunda etapa compreendeu a realização de uma análise de conteúdo (HERSCOVITZ, 2007) do telejornal *Bom Dia Paraíba*, da *TV Cabo Branco*, afiliada da *Rede Globo*, em João Pessoa, na Paraíba.

Utilizamos, como universo de amostragem, três notícias do *Bom Dia Paraíba*, exibidas no período de primeiro de junho de 2016 a 31 de março de 2017, em que foram utilizados os recursos das tecnologias móveis e redes sem fio. Os três exemplos foram escolhidos aleatoriamente: um *stand up*, uma entrada ao vivo e uma reportagem. Eles demonstram diferentes possibilidades de uso das tecnologias móveis e redes sem fio, por isso optamos pelos mesmos.

A coleta do material se deu através da página do telejornal na internet (<http://g1.com.br/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos>), onde são disponibilizados os vídeos das principais notícias diárias.

A análise de conteúdo dos materiais jornalísticos selecionados foi realizada a partir de três critérios: mobilidade (motivo pelo qual o uso da tecnologia móvel foi necessário); envio e exibição (a forma de envio e como foi exibido o material feito pelo repórter) e resultado (se a matéria conseguiu suprir as necessidades do telejornal e do público).

Também foram utilizados documentos inerentes ao telejornal como o espelho e o *script* (PATERNOSTRO, 1999) das edições analisadas a fim de entender a montagem da edição em cada um dos casos analisados. Esse material foi cedido pela própria emissora, a *TV Cabo Branco*.

Foram utilizadas ainda entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 1987) feitas com os editores e repórteres envolvidos na produção do *Bom Dia Paraíba* a fim de se conhecer como ocorreu o uso dos dispositivos móveis e redes sem fio para a produção desses três materiais específicos.

O *Bom Dia Paraíba* é exibido pela *TV Cabo Branco*, em João Pessoa e pela *TV Paraíba*, em Campina Grande (ambas afiliadas da *TV Globo* no estado da Paraíba e pertencentes à *Rede Paraíba de Comunicação*).

O *Bom Dia Paraíba* é o primeiro telejornal local da emissora a ir ao ar, de segunda a sexta-feira, às seis horas da manhã. Tem, em média, 80 minutos de produção, divididos em cinco blocos (partes de um programa que são intercaladas por intervalos comerciais), compostos por reportagens, entradas ao vivo, entrevistas, notas, quadros (*Alô Concurseiros*, *Giro PB*, *O*

que fazer?, *PB Rural*, *Tá por quanto*, *Desaparecidos* e *Programe-se*) e colunas semanais (*Eu quero saber*, *Papo Íntimo* e *Economia*).

É um telejornal de abrangência estadual e conta com uma editora-chefe que também é apresentadora (Patrícia Rocha), uma editora executiva, cinco editores de texto, oito editores de imagem e dez equipes de externas espalhadas pelas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Sousa. Em entrevista semiestruturada, feita na redação da emissora, a editora-chefe explicou qual é o objetivo do telejornal:

O Bom Dia tem uma vertente muito forte de prestação de serviço, ou seja, é a informação prática, a utilidade pública, o que vai mudar a vida daquela pessoa naquele dia, as informações do dia. Vamos antecipar como é que vai ser [...]. É a rua que está engarrafada ou não tá. A rua que pode seguir. O trânsito que está bloqueado. O acidente que aconteceu. A árvore que caiu... O tempo, o sol, a chuva... As informações que estão no dia a dia de todo mundo (informação verbal).

A partir dessa definição apresentada pela editora-chefe é possível compreender qual é a proposta do telejornal e como o mesmo procura apresentar ao telespectador paraibano às notícias nas primeiras horas do dia, seja em temas factuais ou em assuntos de interesse cotidiano.

O primeiro material analisado neste estudo foi exibido no dia 28 de junho de 2016. Nesse dia, o Ministério Público Federal (MPF) realizou, na cidade de Patos, no Sertão do estado, no início da manhã, a segunda fase de uma operação intitulada "Desumanidades".

A repórter da *TV Paraíba*, Rafaela Gomes, acompanhou a ação dos agentes da Polícia Federal no local e utilizou o seu *smartphone* para gravar um *stand up* e enviar o vídeo através do aplicativo de celular *Whatsapp* para a produção de *TV Paraíba*, em Campina Grande. No dia em questão, o *Bom Dia Paraíba* ainda possuía a apresentação dividida entre as emissoras situadas em João Pessoa e Campina Grande.

O *stand up* é um formato da notícia que é muito semelhante a entrada ao vivo (com repórter olhando diretamente para a câmera), porém

possui como diferença o fato de ser previamente gravado e editado antes de ser exibido (SIQUEIRA, 2012).

O *stand up* analisado possui 48 segundos de duração e foi feito em frente da sede do Ministério Público Federal da cidade de Patos, nas primeiras horas da manhã e enviado juntamente com fotos da operação, que foram usadas para ilustrar os assuntos citados pela repórter. No vídeo, podemos verificar a hora em que o material foi ao ar, às sete horas e 28 minutos da manhã, ou seja, quase no fim do telejornal (**Figura 1**), que costuma terminar por volta das sete horas e 30 minutos da manhã.

Figura 1: *Stand up* com a repórter Rafaela Gomes, em Patos, sertão da Paraíba.



Fonte: G1 Paraíba

Se fossem utilizados os meios tradicionais de produção televisiva, a equipe teria manuseado uma câmera profissional e precisaria se deslocar até algum local com computador que permitisse o envio do vídeo pela internet. Esse deslocamento poderia ocasionar a perda de algum acontecimento dentro da operação e isso comprometeria a apuração da notícia.

Embora a emissora tenha *Mochilinks* (que são equipamentos de *Web Link*, que podem ser acoplados às câmeras profissionais para envio de sons e imagens ao vivo pela internet), naquele momento, o mesmo não estava disponível para a equipe.

Luís Sousa, um dos editores do *Bom Dia Paraíba*, na época, abordou, em entrevista semiestruturada, um fator importante para o uso desse tipo de tecnologia nas regiões mais distantes da sede da emissora:

Patos e Sousa... As sucursais não têm esse equipamento de transmissão, o *Mochilink*. [...] Se acontece uma operação às cinco da manhã, eu não tenho logística *pra* levar a mochila [*Mochilink*] *pro* sertão. Então, vai ser o celular que vai trazer essa notícia (informação verbal).

Haveria também a possibilidade de se usar o recurso do *audiotape* (SIQUEIRA, 2012). É uma forma de transmitir notícias que se caracteriza pelo uso da voz (gravada ou ao vivo), geralmente, por telefone e sobreposta, usualmente, pela foto de quem está falando e pelo mapa, apontando o local da notícia.

Embora esse tipo de formato consiga também trazer a informação em tempo real, há perda de uma característica do jornalismo móvel que Silva (2013) cita como “hiperlocal”, ou seja, quando se evidencia o local da produção da notícia como valor de noticiabilidade. No caso do *stand up* estudado, podemos verificar que a repórter estava em frente à sede do Ministério Público Federal da cidade de Patos, o que, visualmente, agrega valor à notícia, tendo em vista que ela estava, de fato, no local da notícia.

O *stand up* conseguiu um dos objetivos do telejornal que é, para a editora-chefe, informar o que está acontecendo nas primeiras horas da manhã no estado. Assim, o jornalismo móvel demonstra uma das formas de contribuição para o telejornalismo, que é o imediatismo nas matérias, pois o assunto pode ser veiculado, como notícia “de última hora”, ao fim do programa jornalístico.

O segundo material analisado foi exibido no dia cinco de agosto de 2016. Nesta data, o *Bom Dia Paraíba* estava com assuntos diferentes do habitual: o aniversário da cidade de João Pessoa e a abertura dos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro. O telejornal teve parte do tempo dedicado a reportagens, notas e entradas ao vivo sobre esses dois temas.

Uma dessas entradas ao vivo foi feita pelo jornalista Lucas Barros, repórter de esportes da *TV Cabo Branco*, no Maracanã, no Rio de Janeiro, local da abertura dos Jogos Olímpicos.

O repórter explicou em entrevista semiestruturada que tudo iniciou ao aceitar o convite do *site* globoesporte.com (*site* destinado ao conteúdo esportivo de propriedade das empresas Globo) para cobrir as olimpíadas no Rio de Janeiro.

Com isso, a equipe de jornalismo da *TV Cabo Branco* vislumbrou que poderia tê-lo lá também fazendo a cobertura para a emissora. Contudo, a proposta era de que a transmissão fosse através do *smartphone*, conforme destacou o repórter em entrevista semiestruturada:

Quando eu recebi essa sugestão foi algo bem desafiador. Eu aceitei. Achei bem interessante essa ideia porque ia também dar uma visibilidade bacana. Ia ser na Olimpíada e tal. Já era algo inovador *tá* fazendo pelo celular. E aí foi um desafio muito grande porque eu nunca tinha feito isso. Nunca tinha entrado ao vivo pelo celular. Então, foi algo muito interessante (informação verbal).

A equipe do *Bom Dia Paraíba* se interessou em usar esse recurso para o telejornal, como explicou a editora-chefe do programa em entrevista semiestruturada:

Eu não poderia usar a estrutura da Globo *pra* fazer o *Bom Dia Paraíba*, porque todo mundo ia querer, todas as afiliadas. Então, eu não tinha essa possibilidade. Eu tinha uma equipe lá [...]. Tinha um repórter, que não é corriqueiro a gente mandar repórter *pra* o Rio o tempo todo. [...] E a gente queria muito mostrar que a nossa equipe estava lá. Isso tinha um valor-notícia *pra* Paraíba muito importante (informação verbal).

A entrada ao vivo foi exibida no quinto e último bloco do telejornal. O apresentador do *Globo Esporte* local e comentarista do *Bom Dia Paraíba*, Kako Marques, estava no estúdio neste dia e na **Figura 2**, aparece conversando com o repórter Lucas Barros.

Figura 2: Primeira interação de Kako Marquês com o repórter Lucas Barros



Fonte: G1 Paraíba

Para que essa entrada ao vivo de dois minutos e trinta segundos fosse realizada, foi utilizada uma videoconferência através do programa de computador e aplicativo de celular *Skype*. A conexão foi entre o *smartphone* do repórter e um *Ipad* (*tablet* produzido pela empresa Apple que opera através do sistema operacional *iOS*), que estava na mão do apresentador, no estúdio. A imagem desse *Ipad* foi conectada com o sistema da emissora e exibida em tempo real.

O repórter Lucas Barros relatou que utilizou o próprio *smartphone* para fazer a conexão com a emissora por meio de uma conexão sem fio (4G). Ele disse também em entrevista semiestruturada que chegou cedo ao Maracanã (local da abertura das Olimpíadas) e que fez os testes com a equipe de engenharia da emissora para o sinal estivesse o mais perfeito possível.

Para o repórter, a entrada ao vivo foi bastante satisfatória, embora ainda tenha observado que a qualidade da câmera do *smartphone* deixe a desejar em comparação com as filmadoras profissionais, usadas pelas

equipes da emissora. Ainda assim, ele conseguiu vislumbrar os dispositivos móveis e as redes sem fio com algo fundamental para as produções jornalísticas televisivas, fazendo uso, inclusive, em suas matérias atualmente.

Apropriando-se das características ubíquas que as tecnologias portáteis e redes sem fio oferecem, o *Bom Dia Paraíba* conseguiu trazer a notícia do começo das Olimpíadas no Rio de Janeiro aos seus telespectadores. A sensação de mobilidade passada pelo telejornal, acrescida dos elementos de geolocalização e que compõe a visualidade de quem está assistindo, reconfiguram a informação, permitindo novas possibilidades ao jornalismo televisivo.

O jornalismo móvel também pode ser usado para conteúdos jornalísticos que não tenham uma urgência no prazo de veiculação. Foi o que constatamos ao analisar o terceiro material deste estudo.

A repórter de cultura da *TV Cabo Branco*, Giovanna Ismael, em entrevista semiestruturada relatou que já estava com os ingressos comprados para participar do festival *Lollapalooza*, que costuma reunir bandas de *rock alternativo*, *heavy metal*, *punk rock*, entre outras. O festival foi realizado nos dias 25 e 26 de março de 2017, no autódromo de Interlagos, em São Paulo. Desta vez, partiu da repórter a iniciativa de oferecer a produção de conteúdo à emissora.

Foram dois dias de gravação como repórter *MoJo*, fazendo entrevistas e coletando imagens que resultaram em uma reportagem com dois minutos e 42 segundos de duração e que entrou no último bloco da edição do dia 29 de março de 2017 (**Figura 3**). A reportagem teve como tema localizar os paraibanos que estavam acompanhando o festival em São Paulo.

O material foi gravado nos dias 25 e 26 de março (sábado e domingo) de 2017, em São Paulo, e Giovanna Ismael retornou a João Pessoa apenas no dia 28 de março (terça-feira) de 2017, dia também em que o material chegou à redação para ser editado. Caso se prolongasse o tempo para a exibição, certamente, perderia a atualidade do conteúdo.

Figura 3: Repórter Giovanna Ismael fazendo a cobertura do *Lollapalooza*



Fonte: G1 Paraíba.

Para a captação das imagens e das entrevistas, Giovanna Ismael usou o próprio celular e uma câmera *GoPro* (uma câmera portátil que permite manuseio individual para a gravação de vídeos). As imagens foram usadas em “primeira pessoa”. Essa técnica permite que o telespectador tenha o mesmo ponto de vista que o repórter da cena.

Já as sonoras (entrevistas feitas pela repórter) foram em terceira pessoa, ou seja, mostrando a interação da repórter com os entrevistados. A possibilidade de usar os dispositivos móveis para fazer as entrevistas trouxe facilidade, segundo conta a repórter em entrevista semiestruturada:

Seria muito mais cansativo se tivesse uma equipe junto comigo. Seria outro ritmo. As pessoas ficariam tímidas também na hora de falar comigo como acontece muito. Diferente de você ali com o celular, no chão, e conversar com o povo, do que você ali com aquela câmera gigante, com o microfone na mão. Então tem essa proximidade também com as pessoas, menos invasivo quando você chega com uma câmera pequena na mão, uma *GoPro*, com o celular (informação verbal).

O material foi levado para a ilha de edição para a montagem. Não foi gravado *off* (texto escrito para ser sobreposto por imagens), já que toda a reportagem foi registrada em “câmera aberta”, que no jargão jornalístico significa que a repórter fez toda a captação direta de imagens e áudios, entrevistando pessoas e realizando passagens (gravando várias participações em que aparece olhando diretamente para a câmera, no local do fato). Para ilustrar a reportagem, também foram utilizadas imagens oficiais do festival retiradas diretamente do *site* do evento, como vídeos das bandas que participaram do *Lollapalooza*.

Luís Sousa, editor do Bom Dia Paraíba, na época, relatou em entrevista semiestruturada que revisou o material produzido pela repórter. Ele não apenas aprovou a forma como foi feita a reportagem, como também vislumbra as facilidades que esse tipo de ferramenta traz ao telejornalismo:

Essa questão da logística é muito complicada. E é onde, mais uma vez, essa questão da tecnologia vai facilitar, principalmente, *pra* essa questão das afiliadas, das emissoras locais, principalmente. O celular é muito fácil. Todo mundo *tá* com o celular. É cada vez mais fácil você ter um celular muito bom. Você vê celular que filma em 4k, que cabe na palma da mão. Então, você vai fazer imagens, você capta som muito bem, com internet muito boa, você leva *pra* qualquer lugar. Você faz transmissões ao vivo de qualquer lugar, capta imagens muito boas e com uma equipe reduzida (informação verbal).

Já a repórter Giovanna Ismael acredita que esse tipo de tecnologia propicia uma quebra nos padrões de produção no telejornalismo, mas prevê demora na expansão do uso por parte das emissoras de televisão, de uma maneira geral.

É que a tecnologia por si só não transforma o fazer jornalístico. É o uso que as emissoras e os próprios repórteres, editores e apresentadores fazem dela é que provoca essas mudanças. Depende do interesse e do incentivo em buscar novas formas de produzir conteúdos e interagir com o público.

O uso da tecnologia que as pessoas que não trabalham nas emissoras fazem da mesma também têm uma grande influência nesse processo. As empresas de comunicação estão atentas a isso e têm se adaptado, nos últimos anos, criando ferramentas de interação, como números de *WhatsApp* (aplicativo de celular), por exemplo, para receber conteúdo direto do público (vídeo, fotos, mensagens de texto).

No caso específico da reportagem sobre o *Lollapalooza*, a proposta de demonstrar como foi o festival (com os telespectadores tendo a mesma visão que a repórter, “em primeira pessoa”) pôde ser aplicada graças ao interesse da repórter, ao aceite da emissora e também por existir esse tipo de tecnologia que permite uma execução mais próxima do acontecimento.

Considerações finais

Percebemos que o jornalismo, em suas várias faces, procura tirar proveito do que essas tecnologias tendem a oferecer, seja por meio da oferta de conteúdo para novos consumidores e/ou usando essas tecnologias para produção de conteúdo.

O jornalismo móvel surge dentro do contexto de uma sociedade que aumenta consideravelmente seu consumo por informação, de certa forma, imediatista. Assim, o jornalista *MoJo* se apresenta para suprir essa necessidade da notícia de forma instantânea.

Na análise do primeiro material, o *stand up* feito pela repórter Rafaela Gomes, a instantaneidade que o modelo oferece tanto para a execução quanto para o envio do material produzido, foi relevante para que a notícia pudesse ser entregue em tempo hábil para exibição no telejornal.

As sucursais que contam com equipes reduzidas, uma grande extensão de cobertura e dificuldades de envio do material, ganham novas possibilidades com todos esses aspectos que o jornalismo móvel oferece. Isso permite agregar a produção de conteúdo noticioso das sucursais para as suas sedes. Foi o que ocorreu no primeiro material analisado, enviado, por celular, da cidade de Patos para a emissora localizada em Campina Grande.

Na segunda notícia analisada, a entrada ao vivo do repórter Lucas Barros, no Rio de Janeiro, o fator mobilidade oferecido pelas tecnologias móveis e redes sem fio permitiu que o formato ao vivo fosse pensado e executado de forma segura e satisfatória.

Essa possibilidade de entradas ao vivo, sem a necessidade de uma equipe completa (repórter, cinegrafista e equipe técnica responsável pelo sinal no local de captação), tendo apenas a figura do repórter, neste caso um *MoJo*, faz do jornalismo móvel uma opção viável para esse tipo de cobertura, à longa distância, sem a necessidade de interlocutores externos.

É claro que há algumas limitações também. Nesse caso, o repórter acaba se responsabilizando pela captação, que por ser ao vivo, pode implicar em perdas de informações visuais, que estejam se desenrolando, naquele instante, fora do campo visual dele.

Sobre a análise do material referente ao festival *Lollapalooza*, observamos que o trabalho demonstrou as facilidades que os dispositivos móveis podem oferecer para a execução de reportagens quando não há a configuração usual da equipe de reportagem (repórter, cinegrafista e auxiliar).

Mas a execução não é simples. Há a necessidade do repórter dominar as técnicas de captação de imagens e de som. É preciso saber, por exemplo, onde posicionar o entrevistado para evitar sombras muito intensas ou excesso de luz, quais enquadramentos utilizar e ainda cuidar para a cena estar com foco e para não aparecer marcas de empresas ao fundo. São conhecimentos que os repórteres, em geral, não precisam se preocupar quando estão ao lado de cinegrafistas.

Como repórter *MoJo*, se eles falharem em alguma imagem, nem sempre será possível resolver durante o processo de edição. O conteúdo poderá ser descartado. No caso da reportagem sobre o festival, foi possível perceber o domínio dessas técnicas pela repórter.

De maneira geral, analisando o *stand up*, a entrada ao vivo e a reportagem e as entrevistas semiestruturadas, pudemos elencar três características que fazem com que os recursos propiciados pelo jornalismo móvel sejam empregados nas produções jornalísticas do *Bom Dia Paraíba*:

- a) *Instantaneidade*: a possibilidade de ter o fato, no momento do acontecimento, seja por imagens gravadas ou vivo, faz com que o telejornal possa transmitir a notícia de forma segura e com o recurso imagético, estabelecendo uma relação de confiança entre o telejornal e o seu público.
- b) *Mobilidade*: a possibilidade de se fazer presente nos locais dos acontecimentos, mesmo sem a logística de uma equipe usual de reportagem, faz com que o telejornal demonstre uma abrangência de cobertura de fatos e acontecimentos.
- c) *Versatilidade*: a possibilidade de cobertura de notícias, mesmo sem os equipamentos usados habitualmente nas produções jornalísticas televisivas (câmeras e microfones profissionais), abre opções no momento de planejar e executar os assuntos a serem noticiados.

Observamos ainda que o uso dos dispositivos móveis e redes sem fio, dentro do *Bom Dia Paraíba*, ocorre de forma optativa às rotinas produtivas convencionais. Não é pensada como um modelo para produções exclusivamente planejadas para o seu uso. Funciona como uma ferramenta de apoio para as produções de pautas e ocupa ainda pouco espaço dentro do telejornal, como um todo, levando em consideração que o mesmo possui 80 minutos, em média, de produção diária, e não são todas as edições que contam com notícias feitas dessa forma.

Entretanto, as produções realizadas com ajuda dessas tecnologias demonstraram a capacidade de não apenas suprir necessidades isoladas, mas de se pensar em modelos fixos para a sua aplicabilidade.

A velocidade com que o jornalismo móvel vem crescendo, através das inovações das ferramentas, tende a fazer com que ganhe mais espaço e dessa forma seja um elemento a mais, podendo ser aplicado em produções específicas para esse modelo jornalístico.

É um assunto que merece ser acompanhado de perto. Existem outras questões que devem ser observadas a respeito do assunto, entre elas, o impacto dessas tecnologias nas redações e se representam ou não uma ameaça para determinadas categorias, como a dos cinegrafistas e dos profissionais de engenharia das emissoras. É preciso saber ainda se a

utilização pode ou não representar uma sobrecarga de trabalho para os repórteres, que acabam acumulando mais funções. Fica a sugestão para que essas abordagens sejam analisadas em estudos futuros sobre o tema.

Referências

BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia. Jornalismo e dispositivos móveis. Percepções, usos e tendências. In: BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana (Org.). **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Covilhã: Labcom, p. 51-73, 2013.

CANAVILHAS, João; SANTANA, Cavalhari S. Jornalismo para plataformas móveis de 2008 a 2011: da autonomia a emancipação. São Paulo: **Revista Líbero**, vol. 14, nº28, p. 53-66, 2011.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **28ª pesquisa anual do uso de TI, 2017**. Disponível

em: <<http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/pesti2017gvciappt.pdf>>. Acesso abril de 2017.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEMONS, André. **Cibercultura e mobilidade**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –Uerj –5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465>>. Acesso maio de 2017.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Fernando Firmino da. Mobilidade Convergente - Abordagem sobre a prática e os estudos do jornalismo móvel. In: **Ícone** - Revista do PPG em Comunicação da UFPE, v. 11, no 2, dezembro de 2009. p. 1-18

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo. Salvador: 2013.

SILVA, Fernando Firmino da; RODRIGUES, Adriana A. In: BARRETO, Emília; BARRETO, Virgínia Sá; PAIVA, Cláudio Cardoso; MOURA, Sandra;

SOARES, Thiago. **Mídia, tecnologia e linguagem jornalística**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. O telejornalismo em transformação: os formatos da notícia na era digital. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska. **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

